

MODO DE VIDA E ATIVISMO SOCIAL¹

Flávia Damares Santos Batista²

Maria Auxiliadora da Silva³

Climaco Dias⁴

RESUMO: *O presente texto aborda questões ligadas às dinâmicas populacionais, a partir de uma análise dos padrões opostos de ocupação do espaço urbano em dois bairros periféricos de Salvador, Pirajá e Valéria. Esses padrões opostos estão caracterizados em áreas planejadas, configuradas aqui como os conjuntos habitacionais e em áreas de crescimento espontâneo como ocupações irregulares. Portanto faz-se uma abordagem sobre a heterogeneidade dentro de um bairro teoricamente homogêneo e as conseqüências dessa heterogeneidade. Um dos elementos enfocados são as diferenças com relação a origem dos moradores; os habitantes das ocupações planejadas são oriundos de bairros distintos da cidade do Salvador, contudo, os residentes das ocupações irregulares geralmente são pessoas que moravam anteriormente em outras áreas do próprio bairro. Além das diferenças quanto à origem dos seus moradores, existem inúmeras outras que tornam os bairros em questão heterogêneos, tais como o nível de escolaridade, o tipo de ocupação econômica, dentre outras. Cabe salientar que mesmo que essa heterogeneidade produza cotidianos diferenciados para a população desses bairros, esta população também enfrenta dilemas comuns, pois ela integra um todo maior.*

Palavras-chave: Geografia urbana; Heterogeneidade; Ocupação espontânea; Ocupação planejada.

INTRODUÇÃO

A expansão ou retração de uma população em um determinado bairro, cidade ou país é o movimento realizado por esta em um espaço de tempo. Esse movimentar, também chamado de dinâmica populacional, envolve alguns elementos, abordados em linhas gerais por Damiani (2001) como sendo a natalidade, fecundidade, mortalidade e migração (interna, externa, temporária e permanente). Contudo, estudar a dinâmica populacional exige mais que uma simples análise quantitativa desses elementos: “[...] é preciso situá-los no interior de sua relação com outros fenômenos sociais, que podem explicá-los, constituindo o que poderíamos chamar de suas causas determinantes ou condicionantes sociais”. (DAMIANI, 2001, p. 28)

Esse texto objetiva discorrer sobre questões ligadas às dinâmicas populacionais, abordando algumas diferenças existentes em um mesmo bairro com relação à infra-estrutura dos locais de moradias, escolaridade, tipos de ocupação econômica e a interação que cada morador tem com o seu bairro.

Os bairros de Pirajá e Valéria, em Salvador, serão os espaços aqui analisados. São bairros vizinhos que apresentam características semelhantes e estão vivenciando um adensamento

¹ Texto produzido como resultado da pesquisa “Dinâmicas Populacionais nos Bairros de Pirajá e Valéria”.

² Estudante de graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia, integrante do projeto de pesquisa PEU (Produção do Espaço Urbano) como bolsista Milton Santos, 2006. E-mail: flavia.damares@yahoo.com.br.

³ Professora do Departamento e Mestrado em Geografia da Universidade Federal da Bahia. E-mail: dorasilv@ufba.br.

⁴ Professor do Departamento em Geografia da Universidade Federal da Bahia. E-mail: climaco@ufba.br.

populacional, nas áreas de ocupação planejada, com os conjuntos habitacionais e nas áreas de ocupação espontânea⁵, com os assentamentos irregulares (as chamadas “invasões”).

Essa expansão tem a migração intra-urbana como elemento marcante em seu desenrolar. As novas áreas de moradia recebem pessoas que residiam, anteriormente, em outras localidades do próprio bairro ou exterior a este, configurando uma migração interna e externa ao bairro. Essa migração não segue o mesmo perfil nos dois modos de ocupação. A tabela n° 1 mostra tal diferenciação: pode-se observar que nos conjuntos habitacionais (área de ocupação planejada), geralmente, seus moradores são oriundos de outros bairros da cidade ou de cidades do interior do Estado; já na área de ocupação espontânea, a maioria dos moradores residia, anteriormente, no bairro, porém sem residência própria, morando “de favor” ou de aluguel.

Tabela n° 1: Origem dos Moradores

Tipos de Ocupação	Migração Interna	Migração Externa
Ocupação Espontânea	75,0%	25,0%
Ocupação Planejada	0,0%	100,0%

Fonte: Pesquisa de Campo

Elaboração: Flávia D.S. Batista, 2006

Os padrões opostos de ocupação dentro de um único bairro levam a analisar a heterogeneidade entre modos de vida e formas de morar que Carlos (1999) traz, quando relata as diferentes ocupações de uma cidade e no modo de vida que seus moradores têm; contudo, esse conceito serve, também, para fazer uma análise na escala do bairro ou de uma área de estudo. Pode-se observar em um bairro periférico⁶ que a população não é tão homogênea como consta no imaginário coletivo; mesmo que as discrepâncias não sejam tão grandes, há uma heterogeneidade visível que pode ser observada na infra-estrutura de determinadas ruas, no ordenamento dos traçados das mesmas, permitindo ou não o acesso de veículos, no poder aquisitivo de seus moradores e até mesmo na forma como o Estado assiste a determinadas localidades dentro de um mesmo bairro. Portanto, a existência de diferentes comunidades⁷ dentro de um mesmo bairro implica que as relações sociais, o cotidiano e a percepção que cada morador tem é bastante peculiar, refletindo também na forma de interação com a cidade de uma maneira geral. E os anseios para resolver os objetivos pontuais influenciam na participação da população nos ativismos de bairro. Quanto maior a necessidade de se buscar melhorias pontuais para sua comunidade, maior é a participação nas reuniões da associação de moradores, por ser esta um dos elos de ligação entre comunidade e o Estado, ou pelo menos, deveria ser.

OS BAIROS EM ESTUDO

Pirajá e Valéria são bairros vizinhos localizados ao norte da cidade do Salvador, situados na área chamada “miolo” da cidade, próximo à BR 324. Apresentam características semelhantes, com uma população majoritariamente de baixa renda.

⁵ Vale salientar que se pode identificar dois tipos de ocupação espontânea: uma que não passou por nenhum planejamento, contudo não está irregular; e outra que não teve nenhum planejamento, ocupando geralmente áreas de risco ou precárias e estão irregulares, sendo esta o objeto de estudo.

⁶ A noção de bairros periféricos usada aqui se enquadra tanto no conceito de áreas afastadas do centro (administrativo, histórico, econômico ou de negócios), quanto no conceito de áreas pobres, carentes de infra-estruturas e serviços (públicos e privados). Ver Serpa, 2001.

⁷ Comunidade aqui trabalhada como sendo “qualquer conjunto populacional considerado como um todo em virtude de aspectos geográficos, econômicos e/ou culturais comuns” (Dicionário Aurélio).

Pirajá tem uma história bastante rica, sendo bem singular com relação a de muitos bairros periféricos de Salvador. Os relatos históricos dessa área são de momentos anteriores ao da fundação da cidade do Salvador. Vasconcelos (2002) relata que as terras onde hoje é o bairro de Pirajá já pertenceram às sesmarias concedidas a João da Velosa e Simão da Gama, no século XVI, onde ambos tiveram seus engenhos como alvos de ataques de índios. Um outro fato que revela a história é que, ainda no século XVI, foi ordenada por Álvaro Régio a construção de um engenho público, o Engenho do El-Rey, destinado à moagem da cana de lavradores pobres. Fazendo-se uma analogia aos tempos passados e aos dias atuais, percebe-se que desde o início do povoamento dessa área, ela foi destinada a pessoas menos favorecidas economicamente.

Nesta área, foram travadas algumas batalhas que ficaram marcadas na história da Bahia e até mesmo do País: a Sabinada e as lutas pela Independência da Bahia⁸.

Na década de 1970, Pirajá vivenciou um grande aumento populacional, chegando a ser uma das áreas mais populosas da cidade. Foi nesta década que se iniciou um grande programa habitacional promovido pelo Estado, implantando-se os Conjuntos Pirajá I e II, com 1.061 casas. (Vasconcelos, 2002)

A partir da década de 1990, surgiram outros conjuntos habitacionais, formando “ilhas” de construções planejadas dentro do bairro, que, ao longo do tempo, vão perdendo suas características originais, tomando formas próprias e expandindo-se espontaneamente. Ao final da década de 1990 e início de 2000, ergueram-se outros conjuntos também promovidos pelo governo.

Ao contrário de Pirajá, Valéria não apresenta uma história tão antiga. O primeiro loteamento nesta área foi aprovado em 1955, o loteamento Terra Nova, da Imobiliária Viana Braga, com 584 lotes. Seu povoamento teve grande influência do Centro Industrial de Aratu (CIA). Esta área teve uma ocupação rápida e um crescimento populacional bastante elevado, principalmente no período de 1980 a 1996. E a partir de 2000, ocorreu o mesmo evento que se processou em Pirajá, isto é, o surgimento de novos conjuntos habitacionais.

AS ÁREAS DE PESQUISA

Foram caracterizadas duas formas de espaço urbano. A primeira trata das áreas planejadas, nas quais houve todo um planejamento antes das instalações das habitações, na maioria das vezes assistidas pelo Estado, representada em Pirajá e Valéria pelos conjuntos habitacionais, os quais formam “ilhas” de construções planejadas dentro da área de pesquisa. Contudo, para objeto de estudo foram selecionados os mais recentes que fazem parte do PAR (Programa de Arrendamento Residencial). A segunda refere-se às áreas de ocupações espontâneas, com habitações precárias, desprovidas de infra-estrutura adequada, dentre outras peculiaridades.

Quatro conjuntos habitacionais foram estudados: o Conjunto Vista da Bahia e o Vista do Mar, em Pirajá; o Village Inema e o Maré, em Valéria. São conjuntos recentes em seus respectivos bairros, administrados pela Imobiliária Ellos 3 e que fazem parte do PAR.

Este programa é destinado a famílias com renda mensal de três a seis salários mínimos. No caso dos profissionais de segurança pública, policiais civis, admite-se renda mensal até oito salários mínimos. O valor mínimo do imóvel na Bahia e Pernambuco é de R\$ 32.000,00, nas Regiões Metropolitanas e nas demais regiões é de R\$ 30.000,00. E o prazo do contrato de arrendamento é de até 180 meses. Os recursos do PAR são provenientes do FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço) e de disponibilidades do FAR (Fundo de Arrendamento Residencial) - fundo financeiro criado exclusivamente para a execução do Programa. Esses

⁸ Esses fatos históricos influenciam na auto-estima dos seus habitantes, a ponto de muitos deles declarem que eles se orgulham da história do Pirajá.

elementos justificam o porquê da maioria dos seus moradores pertencerem à classe de funcionário público.

São conjuntos habitacionais feitos para a classe média baixa, ou seja, com um poder aquisitivo baixo, contudo o perfil dos seus moradores e o local de sua residência é bastante diferenciado do restante do bairro. Alguns desses conjuntos têm muros que os isolam da comunidade ao redor, guaritas com porteiro que restringe o acesso e, em um deles, verificou-se a instalação de uma cerca elétrica, embora não estivesse mais em funcionamento. A infra-estrutura ao redor desses conjuntos é configurada como uma das melhores dentro da área de estudo, pois é dotada de saneamento básico, pavimentação, coleta de lixo, dentre outros.

Nos bairros em questão, existem várias áreas de ocupações espontâneas irregulares, contudo no presente texto estudou-se principalmente a Comunidade do Pantanal, em Pirajá. Esta área localiza-se próxima ao Parque São Bartolomeu, em terreno impróprio para construção; e as habitações não tiveram nenhum tipo de planejamento nem infra-estrutura, expandindo-se desordenadamente (muitas residências são completamente insalubres).

Pelas simples descrição das áreas de pesquisa é perceptível que, além de serem áreas distintas dentro de um mesmo bairro, possuem características completamente opostas. São essas características, dentre outros fatores, que indicam as diferenças na qualidade de vida ou no modo de vida dos seus habitantes.

AS HETEROGENEIDADES

Carlos (1999) relata os contrastes que uma cidade pode mostrar, explanando de forma simples e real a heterogeneidade entre os modos de vida, formas de morar e o uso dos terrenos da cidade por várias atividades econômicas que podem ser observadas em uma cidade, descrevendo que:

“Por um lado, a favela – nos terrenos onde não vigora a propriedade privada da terra, portanto terrenos públicos ou em litígio; a autoconstrução – em bairros periféricos e afastados geralmente, sem infra-estrutura. De outro, os apartamentos de classe média e o alto padrão com áreas de 1.000 m²; e os sobrados, as mansões em ruas arborizadas pontilhadas por guaritas com guardas uniformizados. O colorido diferenciando-se em função dos bairros da cidade; ora é cinza (do concreto), passando pelo vermelho (das ruas sem asfaltos, das vertentes desnudadas sem cuidado) até o verde das ruas arborizadas. Há também o plano do sítio urbano ora ordenado (seja bairros cujo desenho lembra um plano quadrangular ou radioconcêntrico em torno e a partir de uma praça) ou desordenado, como é chamado pelos geógrafos o traçado onde as ruas se seguem sem um desenho coerente, onde os becos se multiplicam e fazem o motorista desatento perder-se em seus labirintos”. (CARLOS, 1999, p. 22)

Esta heterogeneidade também se enquadra, perfeitamente, nas observações feitas para os bairros em questão; embora não se encontre o alto padrão e as mansões que se vêem em outros bairros da cidade, verificam-se modos de vida e formas de morar muito diferenciados configurados nas ocupações espontâneas e planejadas. Salienta-se ainda que essa heterogeneidade influencia no cotidiano que cada morador tem no seu bairro e na cidade. Um exemplo que pode ser citado quanto a diferença do cotidiano dos moradores é com relação à ocupação econômica (ver tabela nº 2). Nas áreas de construções planejadas, a maioria da população trabalha fora do bairro onde reside, com empregos formais, principalmente no funcionalismo público, passando mais tempo fora do local de moradia. Na área de ocupações espontâneas irregulares, o que se constatou foi que a maioria de seus habitantes desempenha atividades informais, buscando a sobrevivência perto do local onde mora, exercendo atividades

diversas, já citadas por Santos (1991 e 1999) como “*flexibilidade tropical*”, exercendo vários tipos de atividades nas proximidades de sua residência ou na mesma; suas ocupações vão desde pintores, faxineiras, empregadas domésticas, autônomos à professora do maternal.

Tabela nº 2: Ocupação Econômica dos Moradores

Tipo de Ocupação	Tipo de Ocupação (Econômica)			
	Trabalho Formal	Trabalho Informal	Sem Ocupação	Outros
Ocupação Espontânea	11,1%	77,8%	0,0%	11,1%
Ocupação Planejada	33,3%	20,1%	13,3%	33,3%

Fonte: Pesquisa de Campo

Elaboração: Flávia D. S. Batista, 2006.

A partir desse contexto, visualizam-se as diferenças nas relações que cada habitante tem com o bairro e com a cidade. A temporalidade de cada morador é bastante diferenciada. É claro que aqueles que trabalham, compram, estudam, no perímetro de suas residências, vivem a maior parte do tempo nos seus bairros, têm um ritmo de vida diferente daqueles que passam a maior parte do tempo fora do local onde reside; muitas das vezes só estão neste local à noite, pois, o lazer, o trabalho, as refeições, etc. são realizados em outro local da cidade. Conseqüentemente, seus modos de vida, cotidianos são diferentes e, muitas vezes, até opostos como o modo de ocupação (a forma de morar).

Cabe salientar que a questão da heterogeneidade pode levar a vários desdobramento. Analisando um desses desdobramentos, a participação dos moradores nos ativismos de bairro (associação de moradores, federações, associação desportiva, conselho comunitário, etc), nas comunidades mais carentes verificou-se uma maior participação nas reuniões das associações de moradores, onde se reúnem com os líderes comunitários em busca de melhorias pontuais. De acordo com Souza (2004), quando as melhorias são realizadas, geralmente, há uma desmobilização das pessoas, a participação nas reuniões fica reduzida (ou se extingue).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é cabível intuir ou induzir a uma conclusão, pois esses processos e fatos não estão finitos. Como bem enfatiza Carlos (1999)

Assistimos a um processo em que a realidade urbana se generaliza, não sem conflitos nem tampouco de forma homogênea. A vida urbana se acentua e se reforça através de múltiplas contradições e aponta para um urbano em constante realização. A cidade espelha esse fato; ela não está pronta e acabada. Nela parece evitar-se cunhar o definitivo. O guindaste, motosserras, as britadeiras, os caminhões de concreto são metáforas da criação de formas fluidas, efêmeras; isto se reflete nos pontos de referência da vida cotidiana onde os usos guardam a dimensão da totalidade espacial... (CARLOS, 1999, p. 91)

Nenhum espaço é totalmente homogêneo. O mundo globalizado permite espaços heterogêneos em várias escalas. Isso não significa dizer que as heterogeneidades não possam viver em harmonia ou desarmonia em determinada área. É notório que existe uma tendência à homogeneização, pois esta é mais didática; contudo, também é fato que as dualidades, os múltiplos e os opostos existem e que eles não podem ser ignorados, visto que o cotidiano das pessoas distingue-se de acordo com os modos de vida, formas de morar; é obvio que quem possui as técnicas, independente de morar ou não em uma área periférica, não vai ter o mesmo

ritmo de vida daqueles que não as detém. Serpa (2001) retrata isso muito bem quando coloca que a periferia é um local de reprodução da vida humana como qualquer outra parcela do espaço urbano, portanto não se processará de uma forma neutra. Cabe ainda uma citação de Carlos, onde esta explicita que

‘o espaço não se (re) produz sem conflitos e sem contradições inerentes a uma sociedade de classes. As práticas não se reduzem apenas à produção imediata (dentro de cada estabelecimento); é na vida cotidiana, como um todo, que essas contradições se manifestam mais profundamente; nas diferenciações entre modos de morar, o tempo de locomoção, o acesso à infra-estrutura, ao lazer, à qualidade de produtos consumidos, etc.’ (CARLOS, 1994 in SERPA, 2001, p. 37)

Contudo é válido salientar que mesmo tendo um cotidiano diferenciado devido a heterogeneidade dos modos de vida, a população desses bairros também enfrenta problemas comuns, pois não se deve perder de vista que cada comunidade é uma parte que compõe um todo, o bairro, que por sua vez faz parte de um todo ainda maior que é a cidade e, assim, sucessivamente.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani A. **A Cidade**. 4ª edição. São Paulo: Contexto. 1994.

DAMIANI, Amélia Luisa. **População e Geografia**. 5ª edição. São Paulo. Contexto. 2001.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: espaço e tempo - razão e emoção**. 3ª edição. São Paulo. Hucitec. 1999.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo. Globalização e Meio Técnico-científico- informacional**. 4ª Edição. São Paulo. Hucitec. 1998.

SERPA, Ângelo (organizador). **Fala Periferia! Uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano**. Salvador: UFBA. 2001.

SOUSA, Marcelo Lopes de. Glauco Bruce Rodrigues. **Planejamento urbano e ativismos sociais**/ São Paulo. UNESP. 2004

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **Salvador: Transformações e Permanências (1554-1999)**. Ilhéus: Editus. 2002.

